

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ALLAN DWAN
29 e 31 de janeiro de 2022

ENCHANTED ISLAND / 1958

(A Ilha dos Homens Selvagens)

um filme de Allan Dwan

Realização: Allan Dwan / **Argumento:** James Leicester e Harold Jacob Smith, baseado no romance "Typee", de Herman Melville / **Fotografia:** George Stahl / **Direcção Artística:** Hal Wilson Cox / **Música:** Raul La Vista / **Montagem:** Albert E. Valenzuela e James Leicester (supervisor) / **Interpretação:** Dana Andrews (Abner Bedford), Jane Powell (Fayaway), Don Dubbins (Tom), Arthur Shields (Jimmy Dooley), Ted de Corsia (Capitão Vangs), Friedrich Ledebur (Mehevi), Augustin Fernandez (Kory Kory), Francisco Reiguera (Feiticeiro), Les Hellman (Moore).

Produção: Benedict Bogeaus, para a RKO / **Cópia:** ficheiro digital, cor, legendada eletronicamente em português, 93 minutos / **Estreia Mundial:** Novembro de 1958 / **Estreia em Portugal:** Europa, em 24 de Abril de 1970.

NOTAS

Enchanted Island é apresentado num ficheiro digital de baixa resolução que não faz justiça às características originais do filme, designadamente à definição da imagem. Como noutros casos de filmes dos anos 1950 de Allan Dwan que temos vindo a projectar em condições equiparáveis, trata-se, lamentavelmente, do material disponível para circulação nesta data. A opção pela sua apresentação liga-se a este constrangimento no contexto da retrospectiva do autor em curso.

O texto da "folha" em distribuição foi originalmente escrito em 1993, por altura da primeira passagem do filme na Cinemateca, num programa dedicado a "Actores Impassíveis", referindo Dana Andrews.

Eis um belíssimo encontro com o último dos primitivos, Alan Dwan, falecido em 1981 com a bonita idade de 96 anos. Tinha dez quando o cinema começou a "mexer" e em 1911 está já a trabalhar nele dirigindo mais de duas centenas de filmes de um ou duas bobinas até 1913, a maior parte deles de um género que mais tarde será chamado de *western*. Mas é a partir de 1916, com a sua entrada na Triangle de Griffith e o seu encontro com Douglas Fairbanks, que o nome de Alan Dwan atinge um lugar de primeiro plano. A colaboração entre actor e realizador culmina em dois dos mais populares filmes da década de 20, **Robin Hood** (1922) e **The Iron Mask** (1929). Entre os dois filmes houve o seu regresso à Famous Players, onde dirigiu Gloria Swanson nalguns dos seus mais famosos filmes. Após esta fase de prestígio Dwan entra numa espécie de limbo nas duas décadas seguintes, ainda marcadas por alguns grandes êxitos comerciais (**Heidi**, **Suez**), mas na maior parte dos casos limitado a produções de fórmula B, que se acentua nos anos 40. Se os orçamentos eram limitados o saber e experiência de Dwan faziam-no tornear as dificuldades, filmando com rapidez sem

que isso afectasse o produto final. Nesta fase pouco conhecida (mas mesmo assim melhor do que a sua obra muda) destacam-se algumas obras insólitas, em especial **The Inside Story** e **Angel in Exile**. Porém é só em 1950 que Dwan faz sentir a Hollywood que ainda está vivo com **Sands of Iwo Jima**, um dos melhores filmes de guerra da década.

Em 1954 o seu encontro com o produtor Benedict Bogeaus marca o início da última fase da sua carreira, aquela que vai significar a sua "ressurreição" em termos críticos. Meia dúzia de filmes que formam um corpo único que só tem paralelo (se nos referirmos aos *westerns*) no que Anthony Mann e Budd Boetticher edificaram, também no *western*, durante a mesma década. **Silver Lode**, **Passion**, **Tennessee's Partner**, **The Restless Breed** trazem para o cinema de novo o aroma dos primitivos, quando a força dos gestos e dos actos importavam mais do que a psicologia.

Dois outros filmes estão também próximos um do outro, pelo tema, pelo tratamento, e por essa "inocência" original que são a origem da sua exótica fragância: **Pearl of the South** e **Enchanted Island**, que seria o seu penúltimo filme (três anos depois, em 1961, dirige o seu "testamento": **The Most Dangerous Man Alive**). E aproximam-se pela mesma visão idílica de um mundo perdido, um mundo também ele "primitivo".

Segundo o genérico **Enchanted Island** inspira-se no primeiro romance de Herman Melville, "Typee" (editado entre nós na década de 50, na velha colecção "Biblioteca dos Rapazes" da "Portugália" com o título "Paraíso de Canibais"). Na verdade qualquer semelhança entre livro e filme é pura coincidência, sendo Melville apenas o alibi "cultural". O que **Enchanted Island** evoca são os primitivos filmes dos "mares do Sul", com a mesma imagem do "bom selvagem" segundo Rousseau, os seus rituais e costumes vistos especialmente no que têm de exótico, de **White Shadows of the South Seas**, de Van Dyke e Flaherty a **Aloma of the South Seas**, de Alfred Santell, passando por **Tabu**, **The Pagan**, **Bird of Paradise**, **Hurricane**, **The Jungle Princess** e **Her Jungle Love**.

Nesta série **Enchanted Island** distingue-se pela sua serenidade. É um filme mais contemplativo do que narrativo. Para estabelecer uma comparação o filme que se deve invocar é o **Donovan's Reef**, de Ford. Um e outro são filmes em que o olhar pára para apreender na totalidade o que a paisagem lhe oferece. São filmes de homens que muito viram, e que no fim das suas carreiras contemplam o mundo com serenidade, em paz com a natureza e os homens. Imagem paradigmática em **Enchanted Island** é a do velho chefe da tribo, onde talvez Dwan se revise: tranquilamente sentado junto da cabana e saboreando um trago de bebida de tempo a tempo. Filme de serenidade, **Enchanted Island** é praticamente um filme sem história, em que as imagens desfilam calmamente sem pretenderem impor-se, deixando-se, também, saborear lentamente. E a excelente cópia que vamos ver permite uma total comunhão com o espectador, embalado nas imagens como as canoas no mar sereno. E se há momentos propícios a ironia (a celeridade com que Fayaway aprende inglês e o perfil de Jane Powell como nativa) eles são-no porque assumem sem complexos o seu estatuto de "primitivos", como o fazem também os idílicos momentos que têm o mar e as praias por pano de fundo, e de onde se destaca, pela sua beleza que evoca Renoir e Ford, toda a sequência do casamento e o passeio pelo rio com a túnica de Jane Powell aberta e desfraldada ao vento, num belíssimo e "primitivo" erotismo.

Com **Enchanted Island** o cinema regressa à fonte original, para nosso prazer e encantamento.

Manuel Cintra Ferreira